



VAI SEGUIR-TE

UM FILME DE DAVID ROBERT MITCHELL

IT FOLLOWS

SINOPSE

Para a jovem Jay, de 19 anos, o Outono deveria ser sinónimo de escola, rapazes e fins de semana no lago. Mas na sequência de um encontro sexual aparentemente inocente, Jay vê-se atormentada por estranhas visões e pela terrível sensação latente de que alguém ou algo está a segui-la. Perante esta situação, Jay e os seus jovens amigos têm de encontrar forma de escapar aos horrores que parecem estar sempre no seu encalço.



SOBRE O REALIZADOR

David Robert Mitchell cresceu na área metropolitana de Detroit e vive agora em Los Angeles. Estreou-se como argumentista e realizador com o filme *The Myth of the American Sleepover*, no festival de cinema SXSW, tendo ganho um Prémio Especial do Júri. O filme tinha já estreado internacionalmente no prestigiante festival de cinema de Cannes, na secção A Semana da Crítica, onde foi uma das apenas sete longas-metragens seleccionadas a nível mundial e a única longa-metragem norte-americana seleccionada. Além deste, ganhou o Prémio do Júri no festival de cinema Deauville American Film em França e o prémio American Indie Newcomer no festival de cinema de Munique. David está actualmente a escrever e a desenvolver vários projectos para longas-metragens.



ENTREVISTA COM DAVID ROBERT MITCHELL

O ponto de partida do filme é muito ousado. De onde surgiu esta ideia?

O filme surgiu de um pesadelo de infância, que eu tinha recorrentemente por volta dos dez anos (acho que muita gente tem), em que alguma coisa estava a perseguir-me. Era uma coisa que se deslocava lentamente, mas que era persistente. Sonhava que estava no recreio da escola e que via outro miúdo a avançar na minha direcção. De alguma forma, no sonho eu sabia que aquilo era um monstro. Desatava a correr e fazia um quarteirão inteiro. Depois parava e ficava à espera. Passado um bocado, via o rapaz lá ao longe a virar a esquina. Continuava a perseguir-me. O monstro podia ser qualquer pessoa. Assumia diferentes formas de cada vez que o via. Muito mais tarde na minha vida, quando me vi livre desse pesadelo, achei que seria interessante transformar esses sonhos em filmes.

Seria interessante saber um pouco mais sobre o seu percurso, entre começar a escrever o filme e o momento presente.

Escrevi-o com uma rapidez surpreendente e também o montei rapidamente. Um amigo meu apresentou-me aos meus produtores e num prazo de um ano estava tudo feito. Antes disso, estava concentrado na fotografia, a trabalhar num estilo visual. Antes de entrarmos na fase da produção, sentimos que tínhamos encontrado o tom do filme.



A estética do filme é de facto um dos seus aspectos mais marcantes. Quais foram as suas influências?

Seria incapaz de as nomear a todas. Os filmes do Carpenter, muitos filmes de terror, mas também muitos outros. Vi imensas vezes o *Paris, Texas*. Via obsessivamente *A Sede do Mal*, *A Semente do Diabo*, o *Shining* e *Invasion of the Body Snatchers* (tanto a versão dos anos 1950 como a dos anos 1970, claro). Alguns filmes do Cronenberg, o *Veludo Azul* e *O Monstro da Lagoa Negra*. Também houve alguns fotógrafos de cena, o Todd Hido e o Gregory Crewdson... Uma série de coisas extraordinárias e inspiradoras.

Em termos de ambiente, de atmosfera, o que procurou encontrar com a câmara? Há algo de onírico e simultaneamente de real naquilo que mostra. Os planos gerais contribuem para essa sensação de realidade na acção, mas os planos panorâmicos e o zoom remetem para o ambiente do sonho.

Para nós, era importante abandonar o estilo telegráfico. O meu primeiro filme ficou marcado essencialmente por um trabalho de câmara subjectiva. Queríamos que este fosse muito mais objectivo, que a câmara não estivesse sempre a dizer para onde devemos olhar. Por isso, mantivemo-la um pouco mais distante. Assim, as coisas estão lá, mas não vamos necessariamente dar um grito para avisar que vem aí algo de perigoso. Não apontando para as coisas, mas deixando as pessoas descobri-las, tínhamos esperança de que se criasse uma sensação de desconforto geral, de tal modo que em nenhum momento estivéssemos certos de estar livres da ameaça. Quanto ao ambiente onírico, é difícil de dizer; claro que uma das razões é a própria génese do filme, mas também há uma



estética pessoal. Gosto de criar um mundo que não seja exactamente real. Ao mesmo tempo, embora isto não seja um filme de época, também gosto de pensar que não é realmente moderno. Queria que fosse ligeiramente extemporâneo, mas que tivesse uma série de relações familiares e contemporâneas.

Duas coisas: (1) Este filme é claramente da mesma pessoa que fez o *Myth*, que é um filme afectuoso; e (2) isto é um filme de terror. Portanto, tem algo de *Myth*, mas ao mesmo tempo é muito diferente. O que pode dizer-nos sobre isso?

Na minha cabeça não há um grande salto entre um e outro. Adoro filmes de terror. Especialmente os clássicos. E quero fazer muitos filmes de estilos diferentes. Achei que era engraçado pegar no ambiente de *Myth* e imaginar as personagens um bocado mais velhas, depois pô-las numa situação assustadora e ver como reagiriam. Mas também quis mantê-las genuínas, como senti que as personagens de *Myth* eram. Queria que fossem pessoas de quem eu gostasse.

É óbvio que podemos interpretar a origem do terror no filme de muitas formas... quer comentar a forma como a sexualidade desempenha um papel importante no filme?

Acho que quanto mais tento explicar, mais lhe retiro a magia. Mas essencialmente penso que o momento da vida em que uma pessoa descobre a sua sexualidade pode ser um momento assustador. Há inúmeros factores de ansiedade nessa fase da vida. Senti que era interessante examinar esse aspecto a outro nível.



Pode explicar-nos o que o levou a escolher a Maika como protagonista?

É simples: ela leu algumas falas e foi fantástica. E demonstrou uma vulnerabilidade que ia muito além da que eu tinha escrito. Foi muito claro que era a pessoa certa. Encontrar os actores certos é um momento muito sensível e eu não podia estar mais contente com este elenco. Acho que fizeram todos um trabalho fantástico.

Sim, as interpretações são todas interessantes e o filme nunca abandona o naturalismo de *Myth*. Como é que criou o ambiente certo para que se exprimissem emoções bastante fortes sem nunca resvalar para o exagero ou para a farsa?

Essa é difícil (mas obrigado). Enquanto realizador, tentei simplesmente fazer o que me pareceu adequado no momento para dar sugestões ou orientar os actores. Neste filme, sabia que as coisas tinham de ir além dos sentimentos normais quotidianos. Mas, mesmo assim, quis que nos mantivéssemos num espaço de interpretação que não sei bem como descrever, que é natural mas quase sai do natural; é um pouco mais moderado e até mais suave que a própria vida. Para mim é interessante... e talvez seja isso que nos ajuda, mesmo em situações surreais do filme, a nunca abandonar o tom real e natural.

Sim, embora “natural” não seja a palavra certa, há uma nota onírica...

É simplesmente algo de diferente daquilo a que estamos habituados... pelo menos, assim o espero.



REVISTA DE IMPRENSA

CRÍTICA DE VAI SEGUIR-TE

por Tom Huddleston | Time Out London

Nesta era da pornografia da tortura, do distanciamento irónico e da injúria diária no mundo real, será que o cinema ainda pode proporcionar-nos uma experiência realmente assustadora? Bem-vindos à resposta. Nesta segunda longa-metragem, depois de uma comédia ligeira de adolescentes, *The Myth of the American Sleepover*, o realizador norte-americano David Robert Mitchell produziu o sobressalto mais inesperado e mais enervante dos últimos anos, um filme que vai beber de forma inteligente aos clássicos do género, mas que traz também um encanto muito próprio. Imaginem o pesadelo de *Sob a Pele* passado em Elm Street.

Tudo se passa num universo de tipo Michael Myers, num subúrbio americano triste, povoado de adolescentes de pernas longas e dos seus admiradores masculinos desmazelados, de apetite sexual insaciável. Quando Jay (Maika Monroe) comete o erro de se entregar a um destes jovens, vê-se perseguida por uma figura misteriosa, que se desloca lentamente e que pode assumir qualquer forma humana.

Em termos de enredo, pouco mais há: tal como *Candyman*, o *Assassino em Série* e *O Anel*, ambos claras influências do realizador, VAI SEGUIR-TE tem a simplicidade folclórica de um mito urbano, com o toque extra de uma metáfora de DST muito óbvia mas utilizada perspicazmente. É no estilo e no tom que o filme se distingue; o seu ambiente onírico asfixiante e as performances realistas irrepreensíveis podem ser comparáveis aos primeiros trabalhos de Terrence Malick ou ao melhor de Harmony Korine.

É impossível descrever adequadamente a intensidade assustadora de VAI SEGUIR-TE : o filme tira partido do silêncio e vive nos espaços sombrios entre as cenas *gore* de matança que caracterizam qualquer bom filme de terror série B. Tal como o seu monstro enigmático, simultaneamente passivo e implacável, familiar e aterrorizante, previsível e chocante, é um filme que nos persegue, do qual não podemos fugir.

A primeira coisa que transparece do filme é a sua enorme beleza. Os seus conceitos, a sofisticação plástica dos quadros, que por vezes fazem lembrar os de Night Shyamalan (...) as paisagens sonoras requintadas... — exaltam a inquietante tranquilidade que constituem o seu charme. - **Le Monde**

Com uma rara economia de meios e um tom alternativo que lembra o cinema de Jacques Tourneur, David Robert Mitchell assina um filme de zombies absolutamente aterrorizante, pois é desprovido da ironia que por vezes parasita este género sobre-explorado. - **Télérama**

Mais uma prova da facilidade com que nós, humanos, podemos ser aterrorizados. - **Wall Street Journal**

VAI SEGUIR-TE rege-se por um princípio que poucos filmes de terror têm a coragem de assumir: o desconhecido é desconhecido. Aqui e ali são largadas pistas sobre a origem e os motivos desta ameaça, mas esse não é o cerne do filme. Tal como o Mal num filme de terror de David Lynch, ele está algures por aí, à espera de nos apanhar. - **New York Times**

Assustador, pleno de suspense e de contenção, este filme de terror de baixo custo joga habilmente com os temas do género, sem nunca se tornar óbvio para o público, mas caracteriza-se por um realismo absolutamente desarmante, que nos deixa ainda mais agarrados. - **Hollywood Reporter**

Estados Unidos | 2014 | 100 min. Distribuído por Alambique

